

Formação socioambiental dos servidores da USP e o Projeto “Sustentabilidade é ...”

Socioenvironmental education of USP servers and the project “Sustainability is ...”

Laura Alves Martirani, Fernanda da Rocha Brando e Letícia Baccarin. Universidade de São Paulo (Brasil).

Resumo

O Projeto de Formação Socioambiental dos Servidores Técnicos e Administrativos da Universidade de São Paulo (USP), iniciado em 2013 e coordenado por sua Superintendência de Gestão Ambiental (SGA), pretende alcançar, por meio de processos participativos estruturados em uma arquitetura de capilaridade, cerca de 16 mil funcionários da universidade. Dentro desse processo se desenvolveu, junto a outras propostas comunicacionais, o Projeto “Sustentabilidade é...” uma experiência de pesquisa-ação educacional. Esse projeto envolveu processo de construção de textos de autoria de servidores sobre suas concepções e práticas relacionadas à sustentabilidade e publicação desse material em espaço digital da universidade. O objetivo foi valer-se dos atributos e potenciais da comunicação digital em âmbito institucional para reforçar valores, identidades e práticas associadas aos ideais de sustentabilidade. Os resultados compreendem a produção e publicação de 38 depoimentos no site do Projeto de Formação que mostram o envolvimento e engajamento desses servidores na busca por um mundo e uma universidade mais sustentável. Em continuidade a essa proposta vem-se desenvolvendo, junto aos Grupos de Trabalho envolvidos na construção de Políticas Ambientais da Universidade, diretrizes para favorecer ações de educação ambiental nas mídias da USP e práticas de educação socioambiental no contexto universitário.

Astract

The Environmental Education Project of Technical and Administrative servers at the University of São Paulo (USP), launched in 2013 and coordinated by its Superintendent of Environmental Management (SGA), seeks to achieve, through participatory processes structured in a capillary architecture, about 16 thousand university officials. Within this process it has developed, together with other communication proposals, the project “Sustainability is ... a” education action research experience. This project involved building process servers authored texts on their conceptions and practices related to sustainability and the publication of this material in digital space of the university. The aim was to draw on the attributes and potential of digital communication in the institutional framework to strengthen values, identities and practices associated to the ideals of sustainability. The results include the production and publication of 38 statements in Training Project site showing the involvement and engagement of these servers in the search for a world and a more sustainable university. Continuing this proposal comes to developing, together with the Working Groups involved in the construction of Environmental Policy at the University, guidelines to promote environmental education in the media USP and practices of socio-environmental education in the university context.

Palavras chave

Sustentabilidade; Universidade de São Paulo; Formação Socioambiental; Comunicação

Key-words

Sustainability; University of São Paulo; Environmental Education; Communication

Socioambiental dos Servidores da USP

O Projeto de Formação Socioambiental dos Servidores Técnicos e Administrativos da Universidade de São Paulo (USP), iniciado em 2013 e coordenado por sua Superintendência de Gestão Ambiental (SGA), pretende alcançar, por meio de processos participativos, estruturados em uma arquitetura de capilaridade, cerca de 16 mil funcionários da Universidade de São Paulo. Esse projeto desenvolve-se sob a tutela de um grupo de trabalho composto por docentes, educadores e especialistas de diversos campi da USP¹ -convidados pela SGA- para fomentar um processo educador tendo em vista a construção de uma universidade sustentável.

O projeto “Sustentabilidade é...” consiste, por sua vez, em uma pesquisa-ação educacional comunicativa que se desenvolveu de for-

ma articulada a esse Projeto de Formação Socioambiental.

A Universidade de São Paulo

A comunidade da USP está constituída por um contingente de mais de 110 mil pessoas, são 55.451 alunos matriculados em cursos de graduação, 34.588 na pós-graduação, 6.239 docentes (USP, 2014a), 15.692 mil funcionários² que atuam em 11 campi, localizados em sete cidades do estado de São Paulo (Brasil) –Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, São Carlos (com dois campi), e São Paulo, onde se encontram os campi Butantã, USP Leste e Quadrilátero da Saúde/Direito.

A Universidade de São Paulo é a maior universidade pública do Brasil. Oferece 289 cursos de graduação e conta com 222 programas de Pós-Graduação.

1 Membros do Grupo de Trabalho: Daniela Cássia Sudan, Ana Maria de Meira, Marcos Sorrentino, Sílvia Ap M. dos Santos, Laura Alves Martirani, Fernanda da Rocha Brando, Antonio Vitor Rosa, Rosana Silva, Paulo Diaz, Edneli Monterrey, Taitiany Karita Bonzanini. Maria Angélica P. Pipitoni, Maria Estela Gaglianone Moro, Tamara Gomes, Patrícia Leme, Marcelo Romero, dentre outros.

2 Durante o transcurso do Projeto de Formação foi implantado um Programa de Incentivo à Demissão Voluntária (PIDV) na USP que levou a uma redução de 1.500 servidores Técnicos e Administrativos do do quadro da USP, passando de um total de 17.192 (USP, 2014a) para 15.692 funcionários.



Figura1. Localização geográfica os Campi da USP. Fonte: USP, 2006.

É também uma das mais prestigiadas do mundo. Foi recentemente classificada no QS World University Rankings by Subject, entre as 50 melhores universidades em oito áreas do conhecimento e, em 21 delas, ficou entre as 100 melhores, e considerada, pelo World Reputation Ranking do The Times Higher Education, uma das 60 melhores universidades (USP, 2015c).

Pessoas que Aprendem Participando (PAPs)

A proposta de formação junto aos servidores técnicos e administrativos envolve um processo de construção de coletivos educadores e comunidades aprendentes, onde os educadores são também pesquisadores e aprendizes. Trata-se de um processo de “pesquisa-ação-participante”.

De acordo com FERRARO Jr. e SORRENTINO:

A esperança projetual da EA pautada em coletivos educadores é a da mobili-

zação da sociedade em grupos articulados de pesquisa-ação-participante, as comunidades de aprendizagem sobre meio ambiente e qualidade de vida, que têm, nos círculos de cultura presentes na proposta política e pedagógica de Paulo Freire, um forte referencial. Busca-se a instauração de espaços públicos comunicativos que permitam a desalienação e a instituição imaginária de sociedades sustentáveis (FERRARO JR. e SORRENTINO, 2011:347).

Nesse sentido, o Projeto de Formação Socioambiental dos servidores da USP adota processos multiplicadores, dialógicos e participativos, que abrangem, em escala progressiva, cada vez mais e mais pessoas, denominadas “Pessoas que Aprendem Participando”, ou simplesmente PAPs. Os grupos de aprendizagem participativa são formados em etapas consecutivas do processo, que se encontra organizado em quatro estágios e que compreende grupos de PAPs – 1, 2, 3 e 4. Tem-se, assim, o

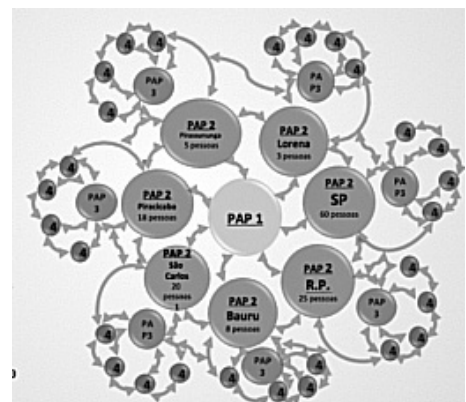


Figura 2. Diagrama que ilustra a arquitetura de capilaridade do Projeto de Formação Socioambiental dos Servidores Técnicos e Administrativos da USP.

objetivo de alcançar a totalidade de servidores da instituição.

Como exposto na Figura 2, o processo inclui diversos grupos de trabalho, que desenvolvem atividades de forma integrada e simultânea nos diferentes campi da Universidade.

Dentro desse processo, os PAPs1, que compõem o grupo de coordenação das atividades desenvolvida pelo GT de Educação Ambiental ligado à SGA, desenvolveu um processo formador de 100 horas de duração junto a 180 servidores que passaram a compor o grupo de servidores PAPs2.

Após um ano de atividades formativas, os PAPs2 organizaram, sob a tutela dos PAPs1 e a colaboração de especialistas convidados, a formação de outros grupos de servidores, chamados nesse processo de PAPs3. Foram oferecidos 33 cursos para cerca de 700 servidores (PAPs3) dos diversos campi da Universidade. Os cursos abordaram temas como: gerenciamento de resíduos sólidos; logística-reversa; poluição e impactos ambientais; com-



Figura 3. Atividade desenvolvida junto aos servidores durante o 1º Encontro Intercampi do Projeto de Formação Socioambiental que ocorreu no campus da USP em Pirassununga em dezembro de 2013.

postagem; uso de agrotóxicos; consumo sustentável; compras verdes; uso racional e gerenciamento de água e energia; áreas verdes; mobilidade; dentre outros. Os PAPs1 e os PAPs2 ainda desenvolveram atividades de apoio aos PAPs3, para que pudessem organizar novas atividades formativas, de oito horas de duração, junto aos PAPs4.

Nesse momento (junho de 2015), os PAPs3 estão desenvolvendo ações educadoras junto aos demais servidores, formando, assim, os PAPs4.

Ao término do processo todos os participantes serão certificados pela Escola USP de Gestão.

Busca-se, desse modo, contribuir *“com a construção de uma universidade sustentável, de forma permanente, articulada, continuada e emancipatória”* (SUDAN et. al, 2015).

Esse processo considera a Educação Ambiental a partir de cinco referenciais principais:

- (1) comunidade: desenvolvimento das potencialidades da comunicação para restabelecer a percepção comunitária;
- (2) identidade: combater problemas pontuais e globais para fortalecer a identidade, seja esta individual ou coletiva;
- (3) diálogo: formação de significados de modo compartilhado e livre de competitividade;
- (4) potência de ação:

capacidade inerente a cada indivíduo de perceber os problemas ao seu redor e tomar providências a respeito; (5) felicidade: minimizar desigualdades sociais que intervêm na busca pela felicidade (SUDAN et. al, 2015).

Por se pretender internalizar a sustentabilidade na universidade e dado o contingente de pessoas que fazem parte dessa instituição (110 mil pessoas), bem como e tendo-se em conta a distância geográfica entre os diversos campi da USP, o projeto, embora priorize processos presenciais, dialógicos e participativos, demanda ações comunicacionais para reforço e maior socialização desses valores, ações, exemplos, intentos, possibilidades, informações e conhecimentos.

A comunicação no Projeto de Formação Socioambiental

Na concepção desse projeto, alguns PAPs¹, integrantes do GT de Educação Ambiental da SGA, formaram um grupo para pensar a comunicação em sua dimensão educadora. Ou seja e dito em outros termos, para pensar a comunicação pautada pelo objetivo de “contribuir para uma mudança da cultura organizacional a partir de valores socioambientais pactuados” (SUDAN et. al, 2015) e servir à sociedade como referência por suas ações e exemplo.

Assim e do mesmo modo que o Projeto de Formação Socioambiental, as ações da área de comunicação têm o objetivo de contribuir para “a internalização da sustentabilidade na cultura universitária para que a USP venha se tornar um bom exemplo em Sustentabilidade, para as instituições de ensino Superior” (ibid.).

Busca-se “a ampliação da visão, da percepção, da capacidade de análise e das possibilidades de atuação socioambiental dos servidores em seus espaços de trabalho e de vivência” e “a economia de recursos naturais e financeiros da Universidade” (ibid.).

As propostas da área de comunicação foram pensadas a partir dos princípios e diretrizes político-pedagógicas do Programa de Educomunicação Socioambiental (BRASIL, 2005; 2008), elaborados pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (MMA) do Brasil e cujo processo de construção contou com a colaboração de cerca de cinquenta especialistas das áreas de educação e comunicação ambiental. Esses princípios e diretrizes enfatizam a importância de processos dialógicos e participativos como fundamento básico de toda ação comunicativa e recomendam a produção interativa e a veiculação de conteúdos de educação ambiental pelos meios de comunicação, o enraizamento da educação ambiental junto a profissionais de comunicação e a possibilidade da comu-

nicação parcerizada com a mídia visando desenvolver a consciência pública para o desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2005; 2008).

Considerando essas diretrizes e fundamentos, o grupo de comunicação elaborou, então, um conjunto de propostas considerando quatro linhas principais de ação:

1. Aproximação das mídias da USP por meio de sua Superintendência de Comunicação Social (SCS) de modo a promover a produção e divulgação de conteúdos ligados aos valores e ao desenvolvimento de uma racionalidade e de uma cultura universitária pautada na sustentabilidade socioambiental.
2. Desenvolver identidade visual e plataforma digital para abrigar textos, fotos, materiais educativos e orientações práticas relacionadas ao processo de formação.
3. Introduzir formas alternativas de comunicação social nos campi da USP, com a implantação de sistemas de mídia integrados e de maior visibilidade como painéis eletrônicos, sistema de televisão corporativa, outdoors, cartazes ou banners para promover e propagar práticas, ideias e valores ligados à sustentabilidade.
4. Desenvolver ações educacionais com os PAPs (1, 2, 3 e 4), de modo integrado a um Projeto de Comunicação conjunto com as mídias institucionais e/ou de forma independente.

As mídias impressas da universidade compreendem o Jornal da USP, com tiragem semanal de 20 mil exemplares; a Revista USP, publicada trimestralmente com uma tiragem de três mil exemplares e uma revista mensal, Espaço Aberto, também publicada em versão online, voltada principalmente aos servidores da Universidade, e que tem, dentre seus objetivos, o intento de diminuir a distância física entre os campi da USP.

Dentre os meios eletrônicos, encontra-se: a TV USP, com base operacional em diversos campi; a Rádio USP; a USP Online responsável pelo Portal da USP, que recebe uma média de 30 mil visitas por dia; e a Agência USP de Notícias, cujo objetivo é estimular e facilitar o acesso de pesquisadores e docentes aos diversos veículos de comunicação. A Agência disponibiliza informações sobre pesquisas e indica pautas e fontes, por meio de boletins eletrônicos, *“para mais de seis mil redações de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão de todo o país e que também podem ser consultados no site www.usp.br/agenciausp”* (SCS, 2015).

Esses veículos já trabalham com temáticas ambientais, educação e cultura universitária. O Portal da Agência de Notícias, por exemplo, tem uma editoria dedicada a educação e outra para o Meio Ambiente; o Jornal USP, por seu turno, possui editorias específicas para Comportamento, Cultura, Educação, Gente da USP, Meio Ambiente, Institucional e Sociedade.

Esses espaços podem, no entanto, ser empregados para contribuir ainda mais com o processo de internalização da sustentabilidade na cultura universitária. É possível, por exemplo, desenvolver materiais especiais, como clipes e vinhetas para o rádio e a televisão, reforçando valores, atitudes e iniciativas relacionadas à sustentabilidade; ou mesmo produzir matérias que trabalhem conteúdos e discussões relacionadas às preocupações com a sustentabilidade socioambiental nos espaços universitários, dentre outras iniciativas e possibilidades.

Pensando em facilitar processos de produção de conteúdos pelos atores ligados ao Projeto de Formação Socioambiental e com vistas a uma maior aproximação com os meios de comunicação, da USP ou externos a ela, desenvolveu-se um material educativo com orientações para produção de releases jornalísticos para uso dos diversos PAPs.

Essas ações resultaram na produção de algumas matérias de caráter noticioso, relacionadas aos eventos formativos, entre as quais: duas reportagens produzidas pela TV USP de Ribeirão Preto (sobre o Encontro intercampi ocorrido no Campus de Pirassununga e minuto USP para divulgação dos cursos oferecidos pelos PAPs2 aos PAPs3); a divulgação dos cursos oferecidos pelos PAPs2 aos PAPs3 nos diversos espaços digitais da Universidade (Portal de Notícias da USP, do Instituto de

Energia e Ambiente, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Instituto de Física, Museu de Zoologia, Escola de Engenharia e Instituto de Física de São Carlos, Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicação e Artes e do Campus de Bauru, dentre outros) e a produção de um programa – “Minuto USP” – sobre o ciclo de palestras sobre “Compras Verdes” referente a um desses cursos pela TV USP de Piracicaba.

A tendência nas mídias em geral e no caso da USP não é diferente, é privilegiar temas objetivos, como fatos, ações e acontecimentos, mais que enunciar ou proclamar valores. Esses se fazem presentes, geralmente, por vias indiretas, pela fala das pessoas consultadas, linguagem empregada, enquadramentos adotados e importância atribuída, ou seja, espaços ocupados (em jornais ou revistas) ou tempo dedicado (no rádio ou televisão) para certas temáticas. Como posto pelo pesquisador Mauro Porto em discussão a respeito do papel político dos meios de comunicação:

Frequentemente, a mídia é entendida como “fonte de informação” e seu papel é definido como o de informar os cidadãos. Para bem servir a democracia, segundo este enfoque tradicional, a mídia deve transmitir informações de forma objetiva e imparcial para a audiência. A partir deste ponto de vista, a crítica do papel político da mídia se restringe geralmente a ressaltar a falta de objetividade ou a imparcialidade das

mensagens. Implícita neste paradigma está a visão de que ao tratar de temas políticos a mídia deve impedir que valores e ideologias (principalmente dos proprietários e jornalistas) interfiram no relato dos “fatos” (a noção de objetividade) ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção de imparcialidade) (PORTO, 2002:1-2).

A objetividade e a imparcialidade, mesmo inatingíveis e mesmo sendo consideradas dimensões idealizadas, são valores e princípios da atividade jornalística.

A sustentabilidade, por seu turno, mesmo que seja um valor consensual, emergente e vital, é ainda um conceito vago e aberto, em processo de construção social, sujeito a diferentes interpretações, imaginários, críticas e disputas de significado.

Um e outro valor –imparcialidade e sustentabilidade– figuram nesse contexto, em que o segundo valor referido, a sustentabilidade, tende a afirmar-se, em nossa perspectiva, como valor mais prioritário que o valor da imparcialidade.

No entanto e embora a USP esteja enviando esforços, especialmente por meio de sua Superintendência de Gestão Ambiental, para que a sustentabilidade venha a ser reconhecida como base ética e como princípio norteador de práticas de gestão, ensino, pesquisa, extensão e, inclusive, de comunicação; a USP, enquanto

coletividade científica e acadêmica ainda não adotou, formalmente, a sustentabilidade como valor fundamental. O Estatuto da Universidade estabelece como valor e princípio fundamental o respeito à diversidade do pensamento e à liberdade de expressão (USP, 1988).

A comunicação universitária é parte da cultura institucional, está em consonância a essa, reflete e reelabora sua cultura, traduz o espírito, os valores e metas da Instituição, ao mesmo tempo que enuncia sua vida, sua dinâmica e suas transformações. A formação socioambiental dos servidores, enquanto contexto onde é possível enunciar, compartilhar e pactuar valores relacionados à sustentabilidade no interior da Universidade, incluindo aí órgãos centrais e de direção, é condição necessária para desencadear as bases éticas e sociais para promover um processo comunicacional, de âmbito institucional, de maior valorização do ideário e da busca pela sustentabilidade socioambiental, inclusive nas mídias da USP.

Assim sendo e em nossa percepção a comunicação, em sua dimensão educadora, e pensada na escala das mídias institucionais, é um importante instrumento de formação, mas é também uma resultante desse processo.

Tais considerações nos levaram a desenvolver, nesse momento do processo, a pesquisa pesquisa-ação educacional

‘Sustentabilidade é ...’, que teve o objetivo de investigar e explicitar concepções, práticas e comportamentos desenvolver reflexões associadas a esse ideal ou idealário, conforme vemos mais adiante.

Identidade Visual e Portal do Projeto de Formação Socioambiental

De forma paralela e junto ao grupo responsável por pensar a comunicação no processo formativo, desenvolveu-se, de forma participativa com o GT de Educação Ambiental, um plano para construção da identidade visual. Essa ação envolveu primeiramente a produção de um logotipo (Figura 4) e posteriormente o desenvolvimento de uma plataforma digital por uma empresa contratada.

O logotipo tornou-se necessário para fortalecer o sentimento de pertencimento, dar identidade visual ao grupo e, desse modo, ilustrar materiais impressos e digitais, como informes, programação de cursos, cartazes de divulgação, camisetas, broches e site do Projeto de Formação.

O processo de desenvolvimento do logotipo envolveu o desenvolvimento de diversas e variadas versões que foram analisadas até se alcançar um consenso no grupo. Em reuniões deliberativas foram discutidos e estabelecidos pelos membros do grupo de coordenação (PAPs1),

alguns critérios para sua produção tais como: “algo que pudesse expressar espírito de grupo”, “que não envolvesse as tradicionais árvores usadas em educação ambiental”, “que trouxesse a ideia de pessoas”, “de capilaridade”, “de processo multiplicador horizontal”, “de educação” até que por fim, chegou-se a um consenso e optou-se pelo logo ilustrado na Figura 4.



Figura 4. Logotipo do Projeto de Formação Socioambiental para promoção de identidades.

O desenho cuja imagem remete a forma de um mandala, uma flor ou vitral foi inspirado no diagrama do Projeto (Figura 2) e reúne conceitos como grupo de pessoas, diversidade, estágio, integração, desenvolvimento, crescimento e propagação.



Figura 5. Comunicação visual do logotipo em kits do projeto de Formação Socioambiental.

Após a formulação e definição do logotipo deu-se início ao processo de construção e implementação do Portal do Projeto de Formação Socioambiental (Figura 6), onde foram publicados, na forma de depoimentos, os resultados da ação educomunicativa ‘Sustentabilidade é...’ e que iremos apresentar nos próximos tópicos.



Figura 6. Portal de Formação Socioambiental dos Servidores da USP (USP, 2014b) 2014, onde também encontram-se publicados, na forma de depoimentos, os resultados da ação educomunicativa ‘Sustentabilidade é...’.

Pesquisa-ação educoamunicação “Sustentabilidade é...”

A sustentabilidade, embora e em certa perspectiva seja um ideal consensual, dentro da idéia de um “futuro viável” (LIMA, 2003) é um conceito multidimensional, complexo e desafiador. Compreende diferentes interpretações, perspectivas e muitas vulnerabilidades. Afinal quando se fala em Sustentabilidade se fala em sustentabilidade “de que” – do ambiente, da economia ou da sociedade? – e de quem – quais classes sociais?

As perspectivas, conforme observado por Gustavo Lima “*oscilam desde um sentido avançado de desenvolvimento, associado à justiça socioambiental e renovação ética, até uma perspectiva conservadora de crescimento econômico ao qual se acrescentou uma variável ecológica*” (LIMA, 2003:105).

Considerando-se esse contexto e discussões, bem como a riqueza e potencial semântico do conceito, desenvolveu-se a pesquisa-ação educomunicativa “Sustentabilidade é...”, que buscou aprofundar reflexões e produzir conteúdo oriundo do projeto de Formação Socioambiental para veiculação em mídia digital. A proposta tem como base de seus princípios a educação, o autoconhecimento do grupo, a enunciação e o reforço de valores e de identidades expressos e comu-

nicados dentro da esfera do processo de formação.

A iniciativa envolveu a produção de textos de autoria dos servidores (PAPs) representativos de suas percepções sobre sustentabilidade e práticas afins adotadas no seu dia-a-dia e ambiente de trabalho.

A educomunicação, como prática educativa, estimula a produção de materiais de comunicação de forma participativa e dialógica, visando abarcar grupos e coletivos, na perspectiva de formação de redes de comunicação social e de afirmação dos direitos humanos, da justiça social e, mais recentemente, da sustentabilidade.

A ação “Sustentabilidade é...” foi desenvolvida durante o Primeiro Encontro Inter-campi de Formação Socioambiental dos Servidores, realizado no Campus de Pirassununga em dezembro de 2013 e que contou com a participação de 180 servidores (Figura 3 e 6). O objetivo desse evento foi fornecer repertório teórico-prático em Educação Ambiental, Sustentabilidade e Gestão Ambiental aos PAP2.

O processo de produção do material “Sustentabilidade é...” envolveu participação voluntária e consistiu na aplicação de um questionário com três frases a serem complementadas por escrito pelos servidores, a saber: (1) “Sustentabilidade é...; (2) No meu dia-a-dia...; (3) Na USP...”.

Após o preenchimento dos formulários, os servidores foram convidados a participar de uma sessão de fotografia, seguida pela assinatura de um termo de compromisso para autorização de uso do texto e de sua imagem fotográfica em espaços digitais da Universidade.

Obteve-se um total de 38 formulários preenchidos que foram sistematizados e ilustrados com fotografias dos respectivos autores –servidores técnicos e administrativos da universidade– na forma de slides Power Point (Figuras 7 e 8) e que foram, posteriormente, publicados no Portal do Projeto de Formação Socioambiental dos Servidores da USP, implementado em janeiro de 2015 (Figura 6). A padronização dos materiais foi necessária para que fosse possível gerar conteúdos personalizados dentro de uma estética e padrão integrados com vistas a sua publicação em espaço institucional.

A partir de então, procedeu-se a alguns estudos de análise dos discursos enunciados pelos servidores.

De acordo com SOUSA “quando a análise do discurso é quantitativa, pode ser de-



Figuras 7 e 8. Montagem do material recolhido na pesquisa-ação educadora “Sustentabilidade é”

nominada análise de conteúdo. Quando é qualitativa, usualmente denomina-se análise do discurso” (SOUSA, 2006, p. 660).

A análise qualitativa compreendeu a sistematização e identificação dos principais conteúdos abordados nas respostas dissertativas. Já os estudos quantitativos envolveram a contagem de palavras, especialmente de radicais mais empregados e a produção de uma nuvem de palavras para enfatizar e dar visibilidade aos termos mais recorrentes.

Análise qualitativa do conteúdo das respostas da pesquisa-ação “Sustentabilidade...”

No que tange as complementações da frase “Sustentabilidade é...”, ganharam destaque:

(1) preservação de recursos naturais para as gerações futuras:

- “saber utilizar os recursos naturais conscientemente para que não falem recursos para as gerações futuras”;
- “a exploração e uso consciente dos recursos naturais garantindo sua preservação e disponibilidade às futuras gerações”;
- “capacidade das pessoas de interagirem com o meio ambiente sem comprometer os recursos naturais das gerações futuras”;
- “a capacidade de mantermos os recursos naturais disponíveis para as gerações futuras”;

- “preservar para futuras gerações respeitando diversos seres vivos, suas potencialidades e diferenças”.
- “não pensar que o problema é da geração seguinte”;
- “agir hoje para que no amanhã todos continuem tendo acesso aos bens naturais”.

(2) Práticas de redução, de reutilização e de reciclagem de resíduos ou Prática dos 3 Rs:

- “(...) ser consciente na utilização de recursos naturais; reduzir, reutilizar e reciclar os materiais de maneira adequada; reduzir o consumo”.
- “ato de reduzir, reaproveitar, reciclar e destinar corretamente todos os resíduos”;
- “fazer hoje para receber amanhã. Ter a consciência de reciclar, reutilizar e economizar para não cair no desperdício”;
- “ações de reparação a áreas degradadas, reuso dos subprodutos e descarte dos resíduos em locais apropriados e protegidos”;

(3) estilo de vida, responsabilidade e ética:

- “desacelerar’ economicamente (...) Repensar a maneira de viver e sobreviver”;
- “ter ética para o consumo”;
- “a nível pessoal é tomarmos responsabilidade por nossas ações e suas consequências”.

(4) “manutenção da vida”, “respeito aos ciclos vitais” e compromisso pessoal

- *“manutenção da vida com todo seu esplendor, poder, dinâmica e caos”.*
- *“a manutenção da vida em um ciclo coordenado (...)”;*
- *“tornar a nossa vida e dos nossos semelhantes, bem como a do nosso planeta melhor e contínua, sem quebra de ecossistemas e sacrifício de espécies”;*
- *“É conectar-se ao planeta como um de seus elementos e não como seu predador”.*

As respostas relacionadas ao item “no meu dia-a-dia ...” mencionaram:

(1) novamente a prática dos 3Rs, com destaque a iniciativas de redução do consumo, de compostagem, de uso racional de água, energia e para mobilidade:

- *“pensar duas vezes antes de consumir, priorizar artigos duráveis e reaproveitar. Tenho roupas que foram de minha mãe, outras que customizei e uso a mais de dez anos. Costumo evitar o excesso de embalagens e muitas vezes recuso sacolas e caixas para presente. Consumo mais alimentos frescos e por isso acabo não consumindo muito tetra pak e isopor”;*
- *“evito comprar sem real necessidade (evito ir a shoppings), conservo os objetos da casa (essa prática herdamos dos meus pais)”;*
- *“não sou uma pessoa consumista, não compro roupas, sapatos e eletrônicos, uso o que tenho por muitos anos. Meus filhos usam roupas que os primos usaram, compartilhamos brinquedos. Minha irmã organiza feiras de trocas de roupas e brinquedos”;*
- *“levo sacolas reutilizáveis ao supermercado”;*
- *“não uso na maioria das vezes embalagens (sacolas plásticas), só utilizo embalagens retornáveis para os refrigerantes”;*
- *“separo o meu lixo, reutilizo as coisas, uso ao máximo, estímulo troca-venda de coisas que não uso, descarto pilha apropriadamente, separo óleo de cozinha, planto árvores (uma vez ao ano) – propriedade da família, economizo água – reutilizo material orgânico vai pra horta”;*
- *“o fato de colocar o lixo orgânico nos pés das bananeiras repercutiram no nascimento de cachos maiores, pencas e bananas mais robustas [...]”;*
- *“aproveitamento da água proveniente das chuvas e da máquina de lavar roupas”*
- *“não uso sabão em pó para lavar roupas”*
- *“eu recolho a água da chuva em baldes e bacias para ser usada na lavagem do quintal e nas plantas”;*
- *“purifico e reutilizo a água da máquina de lavar (...) colete e utilizo a água de chuva”;*
- *“em casa tenho aproveitamento da água da chuva e sistema de aquecimento solar, piso grama etc”;*
- *“uso de meios de transporte alternativos”;*
- *“evito o uso excessivo e desnecessário do carro”;*
- *“busco me locomover de bicicleta”;*
- *“duas vezes por semana vou trabalhar de bicicleta”.*

(2) a dimensão educativa do comportamento pessoal:

- *“converso com familiares e amigos sobre sustentabilidade”;*
- *“tento agir conforme penso e repartir o conhecimento em todos os espaços que ocupo”;*
- *“fazer o melhor; passar valores importantes”;*
- *“procuro incentivar aqueles com quem convivo a terem uma postura de respeito com os recursos naturais”;*
- *“aconselho, oriento e capacito as pessoas (...) a minha volta (...) e minha conduta sempre que possível é de economia”;*
- *“passo para os meus familiares, amigos e vizinhos o que aprendi”;*
- *“realização de oficina de sabão a partir de óleo de cozinha”.*

(3) coerência e comprometimento pessoal:

- *“ser verdadeiro nos meus focos de pesquisa”;*
- *“ainda tenho que mudar velhos hábitos”*
- *“ações que visem minimizar o impacto que eu posso causar no meio em que vivo”;*
- *“eu procuro fazer minha parte”;*
- *“busco praticar princípios da vida simples e da cultura de paz”.*

(4) outros aspectos mencionados foram:

- *“leitura de artigos, livros e outros materiais didáticos sobre as questões am-*

bientais, sustentabilidade e gestão ambiental”;

Concernente ao item “na USP”, as respostas concentraram-se na questão da economia e reaproveitamento de papel, do descarte ecologicamente correto de materiais recicláveis, realização de campanhas para recolhimento de pilhas e baterias, envolvimento em projetos e grupos de trabalho na Universidade relacionados às questões ambientais como o USP Recicla, PURE (Programa Permanente para o Uso Eficiente de Energia); CEDIR (Centro de Descarte e Reuso de Resíduos de Informática) e GTs do plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde, para uso racional da água, para uso eficiente de energia e de edificações sustentáveis.

A postura educativa, reapareceu nesse item, dentro da perspectiva de “dar o exemplo” e onde está também presente a ideia de que ações individuais geram consequências globais:

- *“acredito na conscientização pelo próprio exemplo e aplicação”;*
- *“acredito que o exemplo é o melhor método para educação”;*
- *“contagiar, compartilhar, cativar as pessoas”;*
- *“estou sempre procurando melhorar, causar menos impacto, para dar bons exemplos (...)”*
- *“da mesma forma que me preocupo em trago para meu ambiente de trabalho*

esses cuidados, tentando conscientizar colegas e alunos da importância dos pequenos atos”

Incluíram, nesse sentido, orientação, otimização e fiscalização do uso e descarte de materiais dentro do ambiente de trabalho, como por exemplo a recuperação de solventes para serem reutilizados, oficina para manipular materiais descartáveis com o intuito de transformá-los em obras de artesanato, elaboração de mapas de risco digitais e aplicação da água da chuva na irrigação.

É possível, assim, observar boas noções referentes ao conceito, boas práticas, bem como e principalmente, o empenho e comprometimento dessas pessoas na adoção de atitudes e comportamentos exemplares. Deve-se, entretanto, lembrar que os atores desses textos estava composto por participantes do processo de formação, que foram convidados pela SGA por seu engajamento e participação em projetos ambientais e de educação ambiental da Universidade, e cujas ideias e atitudes não representam, necessariamente, a totalidade dos servidores.

Análise quantitativa das respostas da pesquisa-ação “Sustentabilidade...”

As análises quantitativas envolveram a construção de uma nuvem de palavras

com os termos mais utilizados pelos servidores com uso do software Wordle (FEINBERG, 2009) (Figura 9) e uma contagem manual de radicais de palavras mais empregados.



Figura 9. Nuvem com as palavras mais mencionadas pelos participantes da pesquisa-ação comunicativa

O software Wordle, utilizado na construção da nuvem de palavras, exclui verbos e termos como artigos, conjunções e preposições e permite a exclusão de palavras específicas. Na produção dessa nuvem foram excluídos os termos empregados na questão – sustentabilidade, dia-a-dia e USP – e palavras que remetiam à localização física das pessoas – Departamento, Universidade, Campus, [São] Paulo, FZEA, Escola, Engenharia, [São] Carlos, DTI, Ribeirão Preto, Bauru, Faculdade, Lorena, Instituto, Zootecnia, Parque, Centro, Santos e Pirassununga. Embora essas palavras sejam ilustrativas da diversidade de espaços, setores, regiões e campi envolvidos nesse processo formativo, interessamos, destacar termos associados ao conceito sustentabilidade e práticas afins.

As palavras que mais se sobressaíram nessa análise foram: uso, lixo, água, recursos, resíduos, ambiente, naturais e ações.

seguidas por recicla, trabalho, forma, consciente, planeta e materiais.

Uma contagem manual buscou identificar e quantificar os radicais mais empregados. Os que mais se destacaram foram: “ambient” (36 vezes); “recicl” (35 vezes) e “conscien” (26 vezes); seguidos por: “natur” (23 vezes); “residu” (20 vezes) e “economi” (18 vezes). Tais resultados nos levam a inferir que a reciclagem está mais presente nos discursos que a redução do consumo, representada pelo radical “econom”. O emprego do termo “conscien” (26 vezes), por sua vez, se associa à dimensão educacional e esteve presente nos discursos da maior parte dos participantes.

Sustentabilidade adjetiva ou substantiva?

O grande número de pessoas envolvidas no Projeto de Formação Socioambiental de Servidores da USP e a diversidade e conteúdo das respostas referentes à pesquisa-ação educacional “Sustentabilidade é...” revelaram familiaridade e comprometimento com a causa ambiental.

As respostas voltaram-se principalmente para atitudes e comportamentos, uma vez que e até porque a pergunta lançada era indutora dessa postura. Embora esses posicionamentos sejam indicativos de consciência acerca da importância do fator cultural para uma transição em direção

à sustentabilidade, há que se observar um certo silenciamento em relação aos fatos como mobilização social e ação política promotora de transformações mais profundas no seio das sociedades em prol da sustentabilidade.

Muitas das respostas obtidas fizeram referência ao termo “gerações futuras”, o que nos leva a inferir que inspiram-se na definição de desenvolvimento sustentável posta pelo Relatório Brundtland, também denominado de “Nosso Futuro Comum”. Esse relatório, produzido em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, onde o termo “desenvolvimento sustentável” foi concebido como aquele que “[...] atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (WCED, 1987:46).

A preocupação com as gerações futuras parece ser a parte consensual de um amplo e acalorado debate de disputa de sentido em torno dos discursos sobre sustentabilidade. Conforme LIMA,:

Embora a sustentabilidade presuma, como campo, um substrato comum identificado com a idéia de um “futuro viável” para as relações entre a sociedade e a natureza, esta base comum é muito vaga e permite leituras diversas (LIMA, 2003, p. 107).

Além disso, a palavra sustentabilidade quando usada como substantivo deno-

ta um significado diferente do posto pelo conceito de desenvolvimento sustentável, onde o termo (radical “sustent”) é empregado na forma de um adjetivo. Diferença essa ressaltada por Leonardo BOFF e para quem:

Detrás de esta palabra [sostenibilid] se esconden algunas verdades, pero también muchos engaños. (...) Me explico: como adjetivo se añade a cualquier cosa sin cambiar la naturaleza de la cosa; por ejemplo, puedo disminuir la polución química de una fábrica colocando filtros mejores en sus chimeneas que vomitan gases, pero la manera de relacionarse la empresa con la naturaleza de donde saca los materiales para la producción, no cambia; continúa devastando. (...) Por lo tanto, la sostenibilidad es solamente de acomodación y no de cambio; es adjetiva, no sustantiva. La sostenibilidad como sustantivo exige un cambio de relación con la naturaleza, la vida y la Tierra. El primer cambio comienza con otra visión de la realidad. La Tierra está viva y nosotros somos su porción consciente e inteligente. No estamos fuera y encima de ella como quien domina, sino dentro como quien cuida, aprovechando sus bienes, pero respetando sus límites. Hay interacción entre el ser humano y la naturaleza. (...) La sostenibilidad como sustantivo sucede cuando nos hacemos responsables de proteger la vitalidad y la integridad de los ecosistemas (BOFF, 2011).

O termo “desenvolvimento sustentável” tem sido questionado desde a construção do Tratado de Educação Ambiental para

Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (EASSRG) da ECO 92. De acordo com Moema VIEZZER que coordenou a equipe facilitadora do processo de elaboração do Tratado de EASSRG, os participantes argumentaram que o desenvolvimento concebido como crescimento econômico conforme o modelo atual, nunca poderia ser sustentável: “o que temos que pensar é no reordenamento da vida no planeta e não em crescimento, pois chegamos aos limites e, inclusive, extrapolamos os mesmos” (ibid.), e optaram por adotar o termo sociedades sustentáveis ao invés de desenvolvimento sustentável (VIEZZER, 2004).

O conceito de sociedades sustentáveis é menos diretivo e mais imaginativo. Segundo Diegues (1992), enfatiza a dimensão social em busca de um equilíbrio entre ecologia, cultura, economia e política:

possibilita a cada uma delas [as sociedades] definir seus padrões de produção e consumo, bem como de bem estar a partir de sua cultura, de seu desenvolvimento histórico e de seu ambiente natural” (...) deixa-se de lado o padrão das sociedades industrializadas, enfatizando a possibilidades da existência de uma diversidade de sociedades sustentáveis, desde que pautadas pelos princípios básicos da sustentabilidade ecológica, econômica, social e política (DIEGUES, 1992:28)

De acordo com LIMA (2003) as referências teóricas do conceito de desenvolvimento

sustentável encontram-se nos trabalhos do economista Ignacy Sachs, que “desenvolveu a noção de Ecodesenvolvimento, e nas propostas da Comissão Brundtland” (p. 101):

Sachs, ao formular a noção de Ecodesenvolvimento, propunha uma estratégia multidimensional e alternativa de desenvolvimento que articulava promoção econômica, preservação ambiental e participação social (...) Ao contrário do Ecodesenvolvimento, a Comissão ressaltava uma ênfase econômica e tecnológica e uma tônica conciliadora que tendia a despolitizar a proposta de Sachs (LIMA, 2003:102).

Uma “sustentabilidade de mercado”, complementa Lima, “não responde igualmente à crise social, já que a racionalidade inerente ao mercado se orienta para a concentração e não para a distribuição de riquezas e oportunidades” (2003, p. 106).

Como também posto por Cavalcanti (2012):

Crescimento implica sempre menos meio ambiente. De fato, o planeta (o ecossistema global) não cresce; se a economia cresce – e ela é parte do planeta –, obviamente menos meio ambiente restará (CAVALCANTI, 2012:37).

O contra-discurso que se opõe à ideia de “desenvolvimento sustentável”, de acordo com LIMA (2003), busca a democracia

participativa, a equidade e a autonomia social.

No entanto e apesar das críticas ao conceito, não se pode desconsiderar, como observado por JACOBI (1999), sua importância e avanço na direção de uma relação mais estreita entre meio ambiente e desenvolvimento.

A sustentabilidade, num cenário tão insustentável como o que presenciamos, é, assim, um grande desafio, uma provocação imaginativa e uma utopia social. Não é algo resolvido, pronto e que se saiba, considerando-se todos os elementos e condicionantes históricos de nossas realidades concretas, se o será e se o for, como será. De acordo com Diegues, a sustentabilidade é tida por J. ROBINSON como:

um princípio ético, normativo e, portanto, não existe uma única definição de sistema sustentável. Para existir uma sociedade sustentável é necessária a sustentabilidade ambiental, social e política, sendo um processo e não um estágio final (J. ROBINSON apud. DIEGUES, 1992:28).

Enfrentar a insustentabilidade planetária, além de ser uma questão ética é um dos maiores desafios já enfrentados pelas sociedades humanas enquanto coletividade planetária. Obriga-nos a recorrer a toda criatividade, engenhosidade e solidariedade humana, o que inclui o resgate e reforço de valores, a tomada de responsabilidade

e de cuidados com o porvir, a natureza e o outro, o desenvolvimento de um senso de civilidade mais aprimorado, uma mudança e desprendimento de certos hábitos, bem como, mudanças profundas no modus operandi de nossas sociedades.

O saber social necessário à constituição de uma sociedade capaz de reorientar o processo civilizatório em direção à sustentabilidade socioambiental também não é um saber simples, tampouco um saber sabido, acabado e resolvido. É algo que precisa ser construído, que precisa ser gestado, o que só pode ocorrer a partir do exercício do diálogo e da reflexão de forma aberta, ampla e participativa. Nem tampouco é apenas uma questão de saber, depende também de um poder e de um querer. Envolve a economia, a sociedade, os governos, a cultura, as mídias, as tecnologias, e sobretudo, a ética, a educação, a comunicação e muito entendimento. Envolve tudo e a todos.

Considerações finais

De modo que nesse contexto e momento, a ação educacional “Sustentabilidade é...”, cumpriu a função de reivindicar, experimentar e criar espaço alternativo para a reflexão, a comunicação e a educação ambiental nesse ambiente organizacional. A comunicação para educação ambiental precisa comportar essa dimensão aberta e

reflexiva, crítica e questionadora. Demanda, ainda, pactuação de valores e ação política de modo a alcançar a estrutura de comunicação social da Universidade.

Dentro dessa perspectiva e com o objetivo de trabalhar as diversas dimensões ligadas às problemáticas ambientais – mobilidade, edificações, água, energia, recuperação de áreas degradadas, gerenciamento de resíduos – a Superintendência de Gestão Ambiental da USP formou, em finais de 2014, dez Grupos de Trabalho (GTs), que terão o papel de elaborar as Políticas de Diretrizes Ambientais da Universidade. Dentre esses foi constituído um GT de Educação Ambiental que vem elaborando uma Política de Educação Ambiental para a Universidade de São Paulo. Essa política, ainda em processo de construção, inclui a educomunicação como eixo transversal:

mediante a promoção de ações comunicativas que favoreçam a expressão de todos os membros da comunidade universitária em seus esforços de produção e difusão de conhecimentos sobre os temas concernentes às ações práticas voltadas para o cuidado com o meio ambiente e a sustentabilidade” (USP, 2015)

Inclui, também, as mídias da USP como instrumentos para educação ambiental.

Nesse contexto e dentro dessa perspectiva a comunicação, assim como a educa-

ção, é vista como um agente fomentador de uma cultura e de práticas dialógicas de natureza reflexiva, transformadora e emancipatória voltadas à transição para uma cultura de sustentabilidade ambiental, social e econômica.

Para finalizar, salientamos que a sustentabilidade é, portanto, mais que um discurso, afirma-se como um valor, um imperativo ético, que deverá guiar a comunicação e a educação, a universidade e as sociedades.

Conforme colocado pela servidora Neuci BICOV FRADE: *“se nos empenharmos, um planeta mais sustentável talvez não seja uma utopia”*.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo (2011). Sostenibilidad: ¿adjetivo o sustantivo? Portal Koinonía. Agenda Latinoamericana, 10 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/boff/articulo.php?num=439>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. (2005). Programa de Educomunicação Socioambiental. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. (Série Documentos Técnicos, 2). Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf>. Acesso em 20 jun. 2015.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. (2008) Secretaria da Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/tx-base_educom_20.pdf>. Acesso em 20 jun. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação (2014). Mídias na Educação. O que é educomunicação? Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/inicio_oqueeeducucomunicacao.htm. Acesso: 16 mar. 2014.
- CAVALCANTI, Clovis. (2002) Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico- econômica. São Paulo, Estudos Avançados, 26 (74), p. 35-50, 2012
- FEINBERG, Jonathan. Wordle. 2009. Disponível em: <<http://www.wordle.net>>. Acesso: 2 set. 2013.
- FERRARO Jr., Luiz Antonio.; SORRENTINO, Marcos (2011). Imaginário político e colonialidade: desafios à avaliação qualitativa das políticas públicas de educação ambiental Revista Ciência & Educação, v. 17, n. 2, p. 339-352.
- JACOBI, Pedro (1999). Meio Ambiente e Sustentabilidade. In: Fundação Prefeito Faria Lima. O Município no Século XXI: Cenários e Perspectivas. Edição comemorativa dos 30 anos da Cepam. São Paulo: Cepam. Cap. 3, p.175-183.
- LIMA, Gustavo da Costa. (2003) O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. Ambiente & Sociedade, vol. VI, no. 2, p. 99-119, jul./dez.
- PORTO, Mauro P. (2002). Enquadramentos da Mídia e Política. Em Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), XXVI, Caxambu. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://www.anpocs.org/porta/index.php?option=com_docman&task=docview&gid=4400&Itemid=317>. Acesso em: 17 maio 2015.
- SOUSA, Jorge Pedro.(2006) Elementos de Teorias e Pesquisa da Comunicação e dos Media. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: : 5 jun. 2015.
- SUDAN, Daniela Cássia et al (coord.) (2013). Projeto Político-Pedagógico de Formação de Servidores Técnico-Administrativos da USP. São Paulo: Superintendência de Gestão Ambiental da Universidade de São Paulo, 25p.
- SUDAN, Daniela Cássia (2015). Environmental Training for Employees at the University of São Paulo, Brazil: capillarity and critical Environmental Education put into action. Em W. Leal Filho et al. (eds.), Integrating Sustainability Thinking in Science and Engineering Curricula, World Sustainability Series, Springer International Publishing Switzerland, p. 543-558.

- USP (1988). Estatuto da Universidade de São Paulo. Resolução no. 3461 de 7 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www.leginf.usp.br/?resolucao=consolidada-resolucao-no-3461-de-7-de-outubro-de-1988#t1>>. Acesso: 14 jun. 2015.
- USP (2006). São Carlos: Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação - ICMS. Disponível em: <<http://iarn2006.icmc.usp.br/inf/aboutusp.php>>. Acesso: 23 maio 2015.
- USP (2013). Texto Base do Projeto de Formação Socioambiental dos Servidores Técnico-Administrativos da USP. São Paulo, Superintendência de Gestão Ambiental (SGA) (mimeo).
- USP. (2014a). Anuário Estatístico. São Paulo, USP Digital. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle>>. Acesso em: 5 jun. 2015.
- USP (2014b). Formação Socioambiental dos Servidores da USP. Disponível em: <<http://www.educacaoambiental.sga.usp.br>>. Acesso em: 5 jun. 2015.
- USP (2015a). Superintendência de Comunicação Social (SCS). São Paulo, Portal da Superintendência de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.scs.usp.br>. Acesso em: 1 jun. 2015.
- USP (2015b). Minuta da Política de Educação Ambiental da Universidade de São Paulo (no prelo),
- USP (2015c) Portal da USP. 29 jun. Disponível em: <<http://www5.usp.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- VIEZZER, Moema. (2004) Somos todos aprendizes. Rede Capixaba de Educação ambiental. Disponível em: <<http://www.recea.org.br>>. Acesso em: 08 jan. 2013.
- WCED. World Commission on Environment and Development (1987). Our Common Future. Oxford; New York: Oxford Univ. Press, 430p.